

Resenha

Henry James: Une Écriture Énigmatique, de Jean Perrot

Henry James: Uma escritura Enigmática, de Jean Perrot

Carlos Roberto Ludwig

Doutorando em Letras, UFRGS

Brasil

PERROT, Jean. **Henry James: Une Écriture Énigmatique**. Paris: Aubier Montaigne, 1982.

232

Alguns livros clássicos merecem ser “resenhados” mesmo quando já publicados há quase três décadas. Esse é o caso do ensaio de Jean Perrot, seu clássico estudo **Henry James: Une Écriture Énigmatique** (1982), pouco conhecido no Brasil, apesar de o fato deste estudo cruzar de modo interessante áreas muito em voga: psicanálise, literatura, filosofia. Ao mesmo tempo em que faz uma análise detalhada da obra completa de Henry James, Perrot revela as zonas de sombra da alma e da imaginação que tanto fascinavam os desbravadores da psicologia e da psicanálise moderna: William James, em particular, irmão do grande romancista, trabalhava em paralelo com os estudos seminais de Freud. Henry James participava ativamente das sessões do instituto do irmão. Mesmo assim, James preferia manter a arte do segredo: o belo véu da maia era, para ele, era mais interessante do que as explicações psicológicas.

Partindo de dados biográficos e do conhecimento da psicologia que emergia no período como um novo alicerce da ciência dos casos de histeria, Jean Perrot traça uma interpretação que funde elementos estéticos e linguísticos, que constituem a estrutura profunda da escritura da obra de Henry James. Perrot demonstra, com destreza, de que modo elementos biográficos de Henry James, como sua relação ambivalente com seu

*Henry James: Une
Écriture
Énigmatique, de Jean
Perrot*

Carlos Roberto
Ludwig

irmão William James, dialogam com elementos constituintes de sua escritura, como os arquétipos de rivalidade geminal, os jogos da anamorfose da obra *The Ambassadors* de Holbein, os duplos de Shakespeare, o romance familiar de Leonardo Da Vinci, bem como a intertextualidade entre Balzac, Flaubert, Wilde, Edgar Allan Poe, Nathaniel Hawthorne e George Sand.

Perrot aponta que as estruturas geminais na obra de Henry James representam pulsão de morte ou civilização. Deve-se considerar, nesse sentido, o duplo na obra como uma evocação da angústia do escritor frente ao bem-sucedido irmão William James, que estava à frente dos conhecimentos da psicologia da época. Não é à toa que Henry James, de modo cifrado, emprega obsessivamente a letra W – double you – nos nomes da personagens de sua obra, como Mr. Winterbourne, Mrs Walker e Mrs. Wix. Por isso, no universo romanesco jamesiano, para Perrot, a desvalorização da figura paterna implica a representação da criança como fetiche e tal perversão é substituída pela presença de figuras femininas “positivas” (Perrot, 1982, p. 205). Então, o poder paterno não é mais delegado ao pai, mas o irmão mais velho que passa a ocupar tal função. Assim, os modelos míticos da rivalidade dos gêmeos evocam, em sua obra, os pares Rômulo e Remo, Castor e Pólux, mas, sobretudo, Hugo e Lamartine que eram irmãos da mesma Musa, na visão de Henry James. Desse modo, o acirramento da dinâmica narrativa desdobra o duplo das figuras paterna e materna num duplo geminal, introduzindo os “efeitos de simetria e transferência” originais no quarteto familiar. (Perrot, 1982, p. 206).

Perrot analisa **também** como Henry James reaproveita o duplo shakespeariano em sua obra. Por exemplo, James ao construir em sua narrativa *Roderick Hudson* a personagem Benvolio, retoma os pares Olívia e Malvolio, e assim também Beatriz e Benedito, Hamlet e Ofélia que adota como protótipos de Roderick e Christina. Dessa forma, James também se apropria de figuras femininas Shakespearianas que se transvestem, por exemplo, Portia-Balthasar e Rosalinda-Ganimedes, como modelos de figuras femininas para evocar o duplo que se transfigura através de figurações cifradas e enigmáticas em sua narrativa. Ele toma as tensões da tragédia do desprezo encenadas pelos duplos e pelas figuras fraternas em Shakespeare para configurar o embate do duplo nas relações fraternais em suas obras. O duplo é, conforme Perrot, “a origem, o

modelo, em resumo, o ‘Mestre’ que o romancista empregou com incansável obstinação.” (Perrot, 1982, p 332).

Henry James conhecia muito bem os estudos psicológicos histeria em sua época. Tais conhecimentos ele adquiria através da obra **Princípios de Psicologia** de seu irmão William que fora bem-sucedido na psicologia sobre os casos histéricos. Nesse sentido, Perrot debruça-se sobre o conto *A Volta do Parafuso*, em que a governanta tem ataques de histeria ao imaginar aparições de Quint, o mordomo com um passado provavelmente imoral e erótico que comprometia o patrão. A governanta foi contratada e lança-se numa aventura fanstasmática ímpar. Quint morrera antes dela chegar a propriedade. Perrot assinala que a aparição do morto acontece logo após uma evocação da beleza algo angelical das crianças Flora e Miles. Devido ao esgotamento dos nervos da governanta e ao cansado de suas noites em claro, ela passa a conviver com uma espécie de transe hipnótico permanente desencadeado logo após a visita ao castelo gótico. A partir daí, começa a ter as visões e subliminarmente sua histeria é intensificada com imagens fálicas sugeridas na narrativa, como a figura oblonga no lago, o pino da vitrola, a lâmina brandida e a torre do castelo. O paradoxo construído por Henry James na narrativa representa o mesmo paradoxo apontado por William James em seus estudos, ou seja, o de perfeita inconsciência do estado da paciente que duplica a consciência do ato. Assim, o estado hipnótico sugerido no conto prepara o surgimento do segundo eu, ou seja, o eu denominado de governanta II, que libera visões do ser “subliminal”. (Perrot, 1982, p. 242). Conforme destaca Perrot,

O doente se distinguia pelo fato de que sua consciência não tinha unidade essencial, mas se dividia em uma consciência "subliminar" (inconsciente), cujas relações com a consciência "supraliminar" apareciam, sobretudo, nos estados secundários, estados hipnóticos, aparições de mortos ou de fantasmas. (Perrot, 1982, p. 239)

É importante ressaltar que Henry James nunca deixa claro (deliberadamente) se as visões são fantasmas da tradição de Walter Scott ou produções fantasmáticas no sentido moderno: histerias, neuroses, alucinações que substituem aventuras eróticas reprimidas. Nesse sentido, o narrador coloca a governanta na escritura anamórfica na

qual elementos latentes sugerem alucinações da governanta, bem como intensifica o mistério da narrativa. Para Perrot, a obra de Flaubert, em particular em *Madame Bovary*, foi um modelo para Henry James construir figuras cujo comportamento era infantil, pueril e histérico.

Um dos exemplos mais característicos de sua escritura enigmática é quando, junto à paisagem do lago, a governanta pergunta para Flora “Onde estão tuas coisas” (things), ao que ela responde, “onde estão as de Miles!”. “*Things*” poderia significar vestimentas tanto quanto um órgão sexual masculino. Nesse caso, Miles não está presente na cena, mas Perrot sugere que ele está implicitamente presente na paisagem na visão da governanta, paisagem esta que é inconscientemente erotizada por ela com imagens fálicas e oblongas. Perrot enfatiza que o resultado desta “estratégia da dupla visão” é “uma verdadeira erotização da paisagem e dos decoros tornados ‘o lugar de projeção’ do corpo humano”. (Perrot, 1982, p. 312). O conjunto de imagens que a governanta projeta com suas visões caracterizam e configuram sua histeria.

Henry James tomou um modelo renascentista para a configuração de sua escritura enigmática. A mesma lógica da pintura *The Ambassadors*, de Holbein (1533), em que a figura anamórfica oblonga disforme constitui o elemento inquietante da pintura, Henry James toma como lógica para a sua escritura enigmática. Por exemplo, em *A volta do Parafuso*, a governanta deve dar uma meia-volta ao redor do lago para que a figura obtusa do outro lado se torne nítida. Assim também, na obra de Holbein, o expectador deve dar uma meia-volta à direita da imagem, junto à porta de saída da sala onde a obra se encontrava, a fim de visualizar a caveira pintada na figura oblonga e indistinta da pintura. Henry James usa essa estratégia como um artifício estético para construir o desdobramento da consciência do indivíduo em fantasmagorias e alucinações históricas. Ele usa imagens obtusas, que podem passar despercebidas ao olhar do leitor, como um recurso mimético que cria efeitos estéticos como o mistério, o suspense e o sinistro em sua obra.

Em *The Jolly Corner* e *A Fera na Selva* a paisagem urbana contemporânea é transfigurada em metáfora de um universo fantasmagórico em que o sujeito é paulatinamente transformado em espectro. Tal processo se deve, aponta Perrot, a uma crise do sujeito vulnerável às imposições culturais, religiosas, psicopatológicas e familiares do período. Nesse sentido, o decoro vitoriano sempre esteve na ordem do dia

em sua obra, principalmente nas representações de personagens históricas como a governanta no conto *A Volta do Parafuso* e em *Daisy Miller*.

A obra de Jean Perrot discute questões e problemas fundamentais para o estudo de Henry James, além de fornecer um panorama interessante desse último momento da cultura do segredo – artístico, moral e estético, antes mesmo da irrupção da cultura moderna da produção exaustiva. O autor segue à risca elementos latentes na narrativa do escritor. Em seu estilo agudo, atento e sutil, Perrot se empenha em unir elementos sociais, familiares, biográficos e científicos que críticos poucas vezes admitem na análise literária. Além de perceber detalhes e estruturas da obra de Henry James, Perrot contribui considerável e sensivelmente para a crítica literária sobre o autor, bem como para gerações futuras de escritores no século XX e XXI. É uma pena que essa obra não seja conhecida pelo público brasileiro e merece uma tradução no Brasil.